



# **ABORDAGEM INTERCULTURALISTA NA PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE ESPANHOL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA<sup>1</sup>**

Cláudio José Dias<sup>2</sup>

## **RESUMO**

A presente produção objetiva discutir a abordagem da diversidade cultural na prática docente no ensino de espanhol no sétimo ano do ensino fundamental. Trata-se de um relato de experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID) durante suas atividades desenvolvidas em uma escola da rede pública do estado do Pará no período de agosto de 2018 a janeiro de 2020. Dessa forma a abordagem foi de caráter qualitativo e bibliográfico, no qual foi trabalhado as teorias sobre letramento crítico de Baptista (2014), multiculturalismo e interculturalismo de Fleuri (2000), a colonialidade do saber de Lander (2000), assim como interculturalidade crítica y educação intercultural (Walsh, 2009), e vários outros autores que contribuíram para este relato. Durante as atividades vinculadas ao programa, que incluíam a observação da prática docente desenvolvida na instituição no ensino da língua espanhola e a proposição de dinâmicas relativas aos assuntos trabalhados, verificou-se que a abordagem pedagógica de ensino-aprendizagem foi predominantemente trabalhada a partir de uma perspectiva colonizadora e automatizada o que se deve ao material disponibilizado (livro didático) e a forma de troca e compartilhamento de conhecimento na abordagem do ensino da língua a partir de ilustrações sem vínculo social e sem relação com a realidade dos alunos e à falta de iniciativa intercultural, predominando assim a homogeneidade cultural.

**Palavras-chave:** ensino de espanhol, ensino aprendizagem, colonialidade, intercultural, prática docente.

## **INTRODUÇÃO**

Para visibilizar o ensino de espanhol e superar uma formação tecnicista de influência eurocêntrica no ensino de uma língua estrangeira, o desenvolvimento de práticas de ensino interculturalista faz-se imprescindível. Sendo assim, este trabalho objetiva discutir a abordagem da diversidade cultural presente no ensino de espanhol tendo como referência o sétimo ano do ensino fundamental de uma escola no interior do estado do Pará.

## **METODOLOGIA**

---

<sup>1</sup> Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID)

<sup>2</sup> Graduado em Letra Língua Espanhola pela Universidade Federal do Pará - UFPA,  
claudio.j.dias.ufpa@gmail.com



Essa pesquisa possui caráter qualitativo e bibliográfico, conforme proposto por Marconi e Lakatos (2003), na qual foi relatado a experiência da prática do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID), e está estruturada a partir de dois tópicos: Por um lado o eurocentrismo e abordagem pedagógica no ensino aprendizagem pelo outro os possíveis impactos da abordagem interculturalista no ensino de espanhol.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Lançados no final dos anos 90, os Parâmetros Curriculares (Brasil, 1998) traziam a temática da pluralidade cultural que diz respeito ao conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. Dessa maneira o grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro e hispânico, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Ou seja, em tese a pluralidade cultural consta nos documentos oficiais, porém na prática é muito demarcada a homogeneidade cultural.

Nesse sentido, a escola deveria ser o local de aprendizagem onde as regras do espaço público permitem a coexistência, em igualdade, das diferentes opiniões, isso é interculturalidade, diversidade cultural. Buscar compreender a perspectiva histórica do ensino de espanhol dito “cultural” na educação básica e reconhecer, como um dos princípios fundamentais, que as práticas de ensino usadas, o material didático e o saber que os reconhecem são contraditórios e estão relacionados ao contexto político, econômico e social de cada sociedade, e que, portanto, verdades absolutas não podem ser consideradas, uma vez que a determinação desse tipo de ensino está ligada a múltiplos fenômenos. Como diz Lessa (2013, p. 18), “o ensino-aprendizagem de uma língua, ainda que os atores sociais neles envolvidos não estejam conscientes, não se reduz à abordagem do sistema normativo. A língua é um lugar de experiências e práticas sociais”.

Sobre isso é possível compreender que o ensino diversificado não pode estar centralizado a regras gramaticais pois se exige atenção para o entorno do aprendiz onde é gerado

o diálogo da realidade vivida pelo aluno e o tema trabalhado no ensino do idioma. Nesse mesmo pensamento Walsh (2009) diz:

Desde los años 90, existe en América Latina una nueva atención a la diversidad étnico-cultural, una atención que parte de reconocimientos jurídicos y de una necesidad cada vez mayor de promover relaciones positivas entre distintos grupos culturales, de confrontar la discriminación, el racismo y la exclusión, de formar ciudadanos conscientes de las diferencias y capaces de trabajar conjuntamente en el desarrollo del país y en la construcción de una sociedad justa, equitativa, igualitaria y plural. La interculturalidad se inscribe en este esfuerzo (WALSH, 2009 p. 2).<sup>3</sup>

Ou seja, Na América Latina a interculturalidade tem um significado relacionado às geopolíticas de lugar e território, às lutas históricas, lutas dos povos indígenas e negros, as suas construções de um projeto social, cultural, político, ético, epistêmico orientado à descolonização. Percebemos, portanto, que essas lutas são parte do processo que nos permite ter esse espaço para falar com liberdade onde quer que estejamos.

Ainda sobre esse tema Fleuri (2000, p. 67) comenta: “com a globalização da economia mundial, as relações sociais tornam-se, no plano econômico e político, cada vez mais transnacionais. E, no plano cultural, pessoas e grupos diferentes entram em contato direto, confrontando suas diferenças.” Desta forma podemos observar que avanço das tecnologias, o surgimento de novas formas de ensino, o crescimento em todo o mundo é notório; o avanço global vem trazendo fórmulas e conteúdos prontos que podem nos influenciar a perder o sentido crítico.

Então, surge a necessidade dentro dos processos educacionais de consolidar a defesa das identidades e da pertença étnica ao mesmo tempo, a necessidade de um grupo abrir-se e de construir relações de reciprocidade com outros. Como também propõe Fleuri (2000), a possibilidade de um movimento cidadão onde os diferentes grupos e indivíduos articulam-se sob a forma de relações em redes e parcerias, onde o mesmo sem contradição se complementam e se constroem a partir do respeito às diferenças. Este é o campo de relações interculturais.

Ainda nesta mesma linha, o autor continua: A educação intercultural, na história das crescentes lutas sociais pelos direitos à não exclusão social, vinculado à globalização

---

<sup>3</sup> Desde a década de 90, há na América Latina uma nova atenção à diversidade étnico-cultural, uma atenção que parte do reconhecimento legal e de uma necessidade crescente de promover relações positivas entre diferentes grupos culturais, de enfrentar a discriminação, o racismo e a exclusão, de formar cidadãos conscientes das diferenças e capazes de trabalhar juntos no desenvolvimento do país e na construção de uma sociedade justa, equitativa, igualitário e plural. A interculturalidade faz parte desse esforço.

econômica, provoca o surgimento de estratégias que permitem a construção de novas identidades onde paralelamente sustentam a interrelação de um pensamento crítico e solidário entre os diferentes grupos socioculturais (Fleuri, 2018).

Nós, alunos e professores, precisamos pensar nessas estratégias para não permitirmos que o discurso hegemônico predomine, porém de nada vai adiantar ter esse discernimento se o currículo, a grade de programação, a estrutura de o ensino continuar do mesmo jeito, sem uma abordagem de diversidade cultural. Sobre essa realidade Fleuri citando Demetrio diz:

Na realidade tudo o que faz referência à multiétnicidade e à multiculturalidade não requer um projeto educativo, porque ela é intrínseca nas fenomenologias históricas, nos processos de imigração irreversíveis que vivemos hoje e que temos sempre vivido. Todavia, no momento em que pensamos na interculturalidade na escola, nas praças, nos bairros e nas cidades, emerge a dimensão projetual. Se a nossa atitude é apenas multicultural, de tolerância em relação aos outros nichos, é pouco demais. Trata-se de ir além da tolerância como valor. Trata-se de caminhar em direção a uma perspectiva de interculturalidade viva e inevitavelmente projetual (Demetrio, 1995 *apud* Fleuri, 2018, p. 41).

Nessa direção, continuando a discorrer sobre cultura e diversidade, Fleuri diz que a visão intercultural é capaz de conhecer e se responsabilizar pela multiplicidade das ações culturais que tem lugar de encontro e conflito na interação entre sujeitos. E que devido isso surge o problema de conhecimento, e dessa forma surge a pergunta: como entender a lógica dessa relação de unidade e pluralidade? Sendo que cada sujeito tem a construção de sua identidade na história e contextos culturais diferentes, e dita relação constitui um novo contexto intercultural, e essa relação entre diferentes sujeitos nesse novo contexto, articula tanto aos indivíduos envolvidos como também os seus contextos culturais. Então podemos dizer que para compreender a unidade de um novo conjunto de sujeitos de diferentes contextos sem anular a diversidade entre ambos e entender ao mesmo tempo a nova unidade que se constituiu nessa relação intercultural, será necessário explicitar a lógica que permite compreender a articulação entre a unidade do conjunto e a diversidade presente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Desse modo para desenvolver os tópicos do trabalho se realizou diálogos entre as várias teorias como: Colonialidade e eurocentrismo (Lander, 2000), memórias e identidades (Lessa, 2013), ensino de línguas (Almeida Filho, 2015) e formação do professor de (Fleuri, 2018), para trabalhar o tópico eurocentrismo e abordagem pedagógica no ensino aprendizagem e temáticas como: Letramento crítico de (Baptista, 2014), interculturalidade crítica y educação intercultural (Walsh, 2009), formação do

professor e ensino de espanhol (Matos, 2014) e outros para trabalhar o tópico possíveis impactos da abordagem interculturalista no ensino de espanhol, de modo que se cumpra os objetivos propostos, enfocando assim que asseguram o corpus dessa pesquisa.

### **O eurocentrismo e a abordagem pedagógica de ensino/aprendizagem**

Considerar o papel educativo da língua estrangeira (LE) na escola e idealizar a língua como combinada e constituinte “de significados, conhecimento e valores” (Brasil, 2006, p. 131) faz-se por necessidade perceber que o ensino/aprendizagem de uma LE não deve ser transmitido a partir de uma perspectiva tecnicista e nem se resumir meramente a uma passagem de conteúdo.

Como diz Almeida Filho (2015, p. 19): “Aprender uma nova língua na escola é uma experiência educacional que se realiza para e pelo aprendiz/aluno como reflexo de valores específicos do grupo social e/ou étnico que mantém essa escola”. É por isso que a luta precisa continuar, pois um ensino crítico e diversificado é de direitos de todos nós.

Quando se remete aos processos sociais, históricos e políticos latinoamericanos, Quijano *apud* Lessa, 2013, p.17) refere à colonialidade do poder e do saber. O autor estabelece uma relação entre a categoria lexical “raça” e a colonialidade do poder. Apoiar que se trata de uma categoria mental que legitimou as relações de dominação colonial, impostas pelo que o discurso hegemônico chama de conquista, responsável pela construção do termo “inferioridade” latino-americana no imaginário colonial (Lessa, 2013, p. 17).

Desta maneira, percebe-se que fatores históricos-sociais e políticos influenciam na construção negativa de identidade culturais latinoamericana, como aponta Fleuri (2000), pois afirma, “na realidade brasileira, o alcance intercultural se reveste de significados específicos. Colonialismos e migrações, convivências e dominações têm influenciado intensos processos de aculturação” fusões sincréticas e agressivas, perdas de identidade cultural encontram-se na própria formação da sociedade brasileira.

Sendo assim, se pode dizer que um dos objetivos mais importantes que pretende desenvolver e fomentar o ensino pedagógico da abordagem interculturalista, na aula, é o de preparar o aluno para também ser um cidadão que respeita e valoriza a variação linguística e cultural de qualquer comunidade hispano-falante. Um objetivo como esse supõe, não obstante, que tanto professor como os autores de manuais de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE) tomem consciência de que a seleção destes conteúdos não deve, de nenhuma forma, realizar-se a partir de uma variedade do espanhol em detrimento de outra, senão, mais bem, a partir de uma seleção indiscriminada dos elementos pragmáticos e discursivos que caracterizam e conformam

essa variedade. Ademais, para alcançar ao referido objetivo, se deve introduzir ao estudante em determinado pragmático-discursivo que favoreçam a construção de uns conhecimentos socioculturais que dê visibilidade às diversas variedades linguísticas do espanhol e que impliquem respeito a essas variedades (Silva, 2014).

### **Possíveis impactos da abordagem interculturalista no ensino de espanhol**

Ao ser analisada, a pedagogia desde que baseada no letramento crítico pode levar os alunos a questionarem e avaliarem como devem ser construídas e mantidas certas ideologias nos mais variados textos das distintas práticas discursivas. Sendo assim, os sujeitos atuam como membros de grupo sociais e manifestam ideologias concretas em suas ações e interpretações, que são construídas e reafirmadas em meio às relações de poder e resistência dos grupos. Desse modo, os sujeitos não somente podem veicular discursos e opiniões, mas também reforçar, disseminar, legitimar ideologias por meio de atitudes e ações, demarcando determinados usos dos discursos em suas práticas cotidianas e, conseqüentemente, alimentando práticas e formas de agir no mundo (Baptista, 2014).

Seria interessante que os cursos de graduação em Letras Espanhol, onde se formam professores aptos a lecionar em escolas de ensino básico, repensassem e reformulassem os planos político-pedagógicos de maneira que a perspectiva intercultural estivesse presente em suas disciplinas e respectivas ementas, PPC, etc. Acredita-se que é na formação inicial que se deva refletir e teorizar sobre estas questões, pois se o próprio professor possui estereótipos relacionados à língua/cultura, como poderá trabalhar futuramente em sala de aula para desconstruir as visões reducionistas de seus alunos e promover um verdadeiro diálogo intercultural? A resposta está no tipo de formação que terá esse professor (Matos, 2014).

Na perspectiva intercultural, a educação passa a ser compreendida não apenas como transmissão de informações de um indivíduo para outro. A educação passa a ser idealizada como construção de processos em que distintos sujeitos desenvolvem relações de reciprocidade (cooperativa e conflitual) entre si. As ações e reações entre esses sujeitos criam, sustentam, modificam e reformulam contextos relacionais (Fleuri, 2000).

Se pretendemos ser professores interculturais, teremos entendido que, como postulam García Martínez (2007):

Interculturalidade significa, portanto, interação, solidariedade, reconhecimento mútuo, correspondência, direitos humanos e sociais, respeito e dignidade para todas as culturas ... Portanto, podemos entender que a interculturalidade, mais do que uma ideologia (que também o é) é percebida como um conjunto de princípios antirracistas, antissegregadores, e com um forte potencial de igualitarismo. A perspectiva

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que foi abordado neste artigo, se pretende corroborar a ideia de que, se damos visibilidade para um ensino plurilíngue, na aula e nos manuais utilizados, ajudaríamos os estudantes e professores a tomar consciência de que o ensino-aprendizagem de espanhol intercultural pode contribuir na valorização da diversidade linguística, cultural, social, ética e epistêmica de cada povo latino americano como sua própria identidade e não como um reflexo de uma cultura e identidade de uma comunidade em concreto que pelo comum, devido a que temos a tendência de reproduzir a visão pela ótica dominante a qual foi naturalizada, tem a tendência de ser a peninsular, “como se fosse a única forma”. Fica então, a indagação a respeito de um ensino intercultural na aula de espanhol que possa nos fazer ver de outra maneira a abordagem de ensino na sala de aula.

Que esse trabalho nos faça refletir se os livros didáticos, as mídias utilizadas, e os métodos de ensino atendem pluralidade de memórias e identidades latino-americanas. Seria esse o motivo pelo qual alguns discursos apresentarem o povo latinoamericano de forma negativa? Ou de nas grades curriculares dos cursos não existir a abordagem interculturalista? Que o presente estudo nos proporcione a reflexão acerca das culturas que são apagadas, das vozes que são silenciadas, da visão curricular que não muda e do sistema que predomina. Será que estamos preparados para ajudar nossos alunos de forma a que vejam a língua/cultura espanhola como uma língua que lhes permitirá viver em sociedades cada vez mais pluriculturais? Quando vamos fazer o exercício da xenofilia?

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas: Pontes Editores, 2015.

BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis. Letramento crítico: contribuições para a (trans)formação de professores de espanhol. In: LIMA, Lucielena Mendonça de (org.). A (in)visibilidade da América Latina na formação do professor de espanhol. Campinas: Pontes Editores, 2014. v. 34. p. 141-161.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. 174 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias.

BAPTISTA, C. R. *et al.* Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

FLEURI, Reinaldo Matias. Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educacionais. In: LINHARES, Célia Frazão et al. (org.). **Ensinar e aprender**: sujeitos, saberes e pesquisa. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000. p. 67-81.

FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural e formação de professores. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

LANDER, Edgardo. La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias Sociales. **Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

LESSA, Giane da Silva Mariano. Memórias e identidades latino-americanas invisíveis e silenciadas no ensino-aprendizagem de espanhol e o papel político do professor. In: ZOLIN-VESZ, Fernando (org.). **A (in)visibilidade da América Latina no ensino de espanhol**. Campinas: Pontes Editores, 2013. v. 24. p. 17-27.

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. Formação intercultural de professores de espanhol: materiais didáticos e contexto sociocultural brasileiro. 2014. **Tese** (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SILVA, Antonio Messias Nogueira da. Marcadores discursivos de las variedades lingüísticas hispano-americanas: una categoría silenciada en los manuales de E/LE. In: LIMA, Lucielena Mendonça de (org.). **A (in) visibilidade da América Latina na formação do professor de espanhol**. Campinas: Pontes Editores, 2014. v. 34. p. 69-89.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento otro desde la diferencia colonial. In: WALSH, Catarine; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. Interculturalidad: descolonización del estado y del conocimiento. 1 ed. Buenos Aires: **Del Signo**, 2006. p. 21-70.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: Seminario Interculturalidad y Educación Intercultural, 2009. **Anais. La Paz**: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3IqhXmm>. Acesso em: 17 jan. 2022.